Crise na cultura vai atingir o cinema

O setor cinematográfico deve ter uma queda significativa de recursos este ano, começando pelas verbas federais. A estimativa é do próprio secretário do Audiovisual do Ministério da Cultura, José Álvaro Moisés, que prevê um volume de renúncia fiscal de cerca de R$ 35 milhões para 1999. No ano passado o cinema conseguiu levantar R$ 60 milhões.

Página 4

Muito

Marina Elali faz a Viagem Insólita

Página 2

Natal, Rio Grande do Norte, domingo, 7 de fevereiro de 1999

1935

Cinco dias em vermelho

Documentário do canal GNT a ser exibido hoje, relembra episódio da Insurreição Comunista de 1935 em Natal. Só o interesse de uma emissora de televisão por assinatura, para lançar luz sobre um fato pouco ou quase nada lembrado nas escolas públicas hoje em dia, mas que possui tanta importância quanto a já decantada -em verso, prosa e cinema- passagem das tropas norte-americanas por Natal durante a II Guerra.

Como parte da série *500 Anos de História do Brasil*, o programa *O Levante de 35* vai mostrar hoje às 20h, no canal GNT, os detalhes do movimento que durante cinco dias, em novembro daquele ano, "fez com que o Rio Grande do Norte fosse o único estado brasileiro da história a ser comandado por um governo comunista". O release de programação do canal é sucinto, mas bem dá idéia do evento: "Sem que um único tiro fosse disparado, Natal e as cidades do interior ficaram sob o controle do Governo Popular Revolucionário. A resposta veio com a decisão do Presidente Getúlio Vargas de decretar Estado de Sítio por 30 dias em todo o país, 'para que o Estado pudesse defender-se da insolência comunista'.

No programa, a atriz Vera Holtz conta que tudo aconteceu de forma imprevisível, até mesmo para Luís Carlos Prestes, chefe da revolta, que na verdade sonhava tomar conta de todo o Brasil. Ao meio-dia de 23 de novembro, os soldados e sargentos do 21º Batalhão de Caçadores de Natal tomaram a guarnição militar da cidade, prendendo os poucos oficiais que ali se encontravam. O Governador Rafael Fernandes, seu secretariado e alguns policiais, fugiram. Parte se escondeu na casa do Cônsul Honorário do Chile e outros se espremeram no avião Croix du Sud, da Companhia Latécoère, que estava na cidade. Os oficiais presos foram encarcerados em navios do porto.

O comando da Aliança Nacional Libertadora era composto pelo operário José Praxedes de Andrade, o Sargento Quintino de Barros, o carteiro José Macedo, o estudante José Galvão e o funcionário público Lauro Lago. Os transportes urbanos passaram a ser gratuitos, os cofres dos bancos foram arrombados e o dinheiro distribuído entre a população. No quinto dia, porém, tropas federais e de estados vizinhos retomaram a capital e as cidades ocupadas, reempossaram o Governador e prenderam centenas de revoltosos.

Segundo o historiador Homero Costa, autor do livro *A Insurreição Comunista de 1935* (Editora Ensaio/Cooperativa Cultural UFRN, 1995), a Natal daquela época era uma pequena cidade com aproximadamente 40 mil habitantes. O movimento comercial era concentrado em dois bairros: a Cidade Alta, no Centro e o da Ribeira, onde se localizava o cais do porto, na Av. Tavares de Lira.

A difusão da literatura marxista provavelmente não era tão expressiva como se sugere. A própria direção local do Partido Comunista pouco conhecia de marxismo (até porque eram raros os livros). Costa narra no capítulo intitulado *Uma Cidade Insurgente*, como procedeu a alvorada do levante: "21º Batalhão de Caçadores: pouco depois das 19h, o pessoal da guarda, que dava sentinela no quartel, nota um pequeno movimento no pátio, com deslocamento de alguns praças, cabos e sargentos, mas não percebe nada que pudesse qualificar como anormalidade. Como se aproximava da hora da troca de sentinelas, imaginaram ser um movimento nesse sentido. Às 19h30 as sentinelas viram, mais uma vez, o deslocamento de alguns homens pelo pátio, só que estavam armados e se aproximando do oficial de dia. (...) Eram três homens: o Sargento (músico) Quintino Clementino de Barros, o Cabo Giocondo Alves Dias e o Soldado Raimundo Francisco de Lima. Estavam bem armados. Aproximam-se do oficial de dia e Giocondo, apontando um fuzil, diz: 'Os senhores estão presos em nome do Capitão Luís Carlos Prestes!'. O que se segue é uma insólita revolução que mistura ingredientes de ficção e sátira política: Quintino Clementino e outro Sargento, Eliziel Henrique Diniz destacam-se como chefes militares do movimento e após a conquista do quartel ûsem que houvesse qualquer resistência- organizam o deslocamento de tropas para os pontos estratégicos da cidade."

Porém, o acontecimento marcante da Insurreição, é justamente o tiroteio que transformou a fachada do Quartel da Polícia Militar numa "peneira" crivada de balas. "Logo no início do tiroteio, chegam os oficiais, vindos da casa do Governador. Não conseguem entrar no quartel de imediato. Depois de algumas dificuldades, finalmente conseguem. Com a presença dos oficiais, entre os quais os comandantes da Polícia Militar e do 21o BC, a resistência passa a se dar de forma mais organizada. Às 21h o fogo já era intenso e impossibilitava novos acessos ao quartel, a essas alturas já cercado pela frente e laterais (a parte de trás era um matagal e dava acesso ao rio Potengi). (...) Mesmo assim a Polícia Militar resiste e o combate dura até às 14h do dia seguinte (...)", conta o historiador.

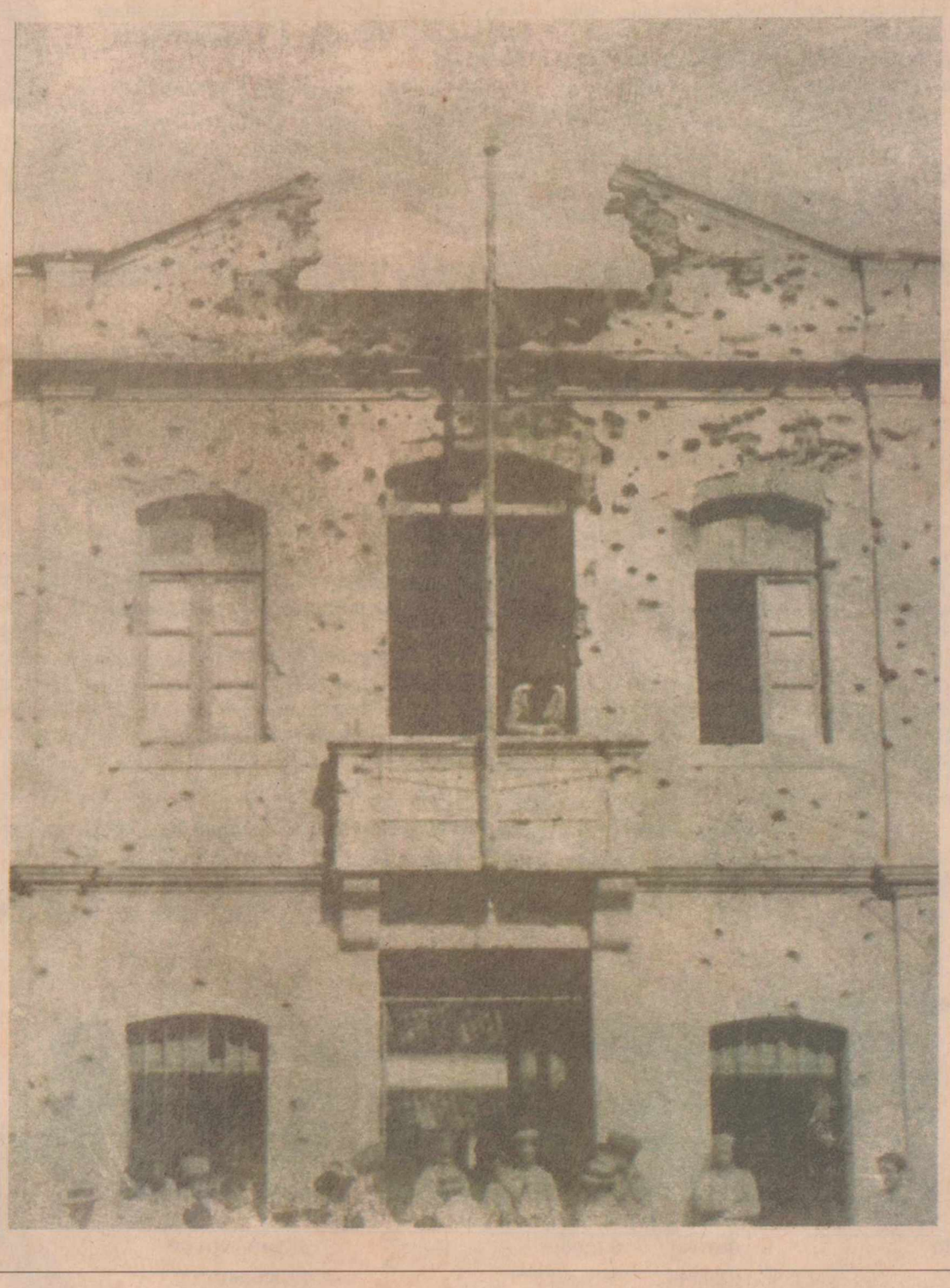
O levante durou até o dia 27 de novembro, quando Quintino Clementino e Eliziel Diniz são presos por tropas paraibanas já na localidade de Baixa Verde. "Os comandantes do 21o BC e da Polícia Militar se dirigem para os respectivos quartéis e logo organizam patrulhas que se deslocariam pela capital e cidades do interior, prendendo os revoltosos. A essas alturas, chegam as tropas vindas da Paraíba e Ceará, que os ajudam na prisão dos foragidos. É o fim do movimento", descreve Costa à página 107.

Até que se prepare um estudo profundo o suficiente para fazer chegar às gerações mais novas a incrível história dos "cinco dias em que uma cidade do Brasil teve um Governo comunista", o programa do GNT será o único veículo para o conhecimento nacional de um fato histórico cheio de peculiaridades, que pertence a cada brasileiro. Necessário é pois, descobri-lo.

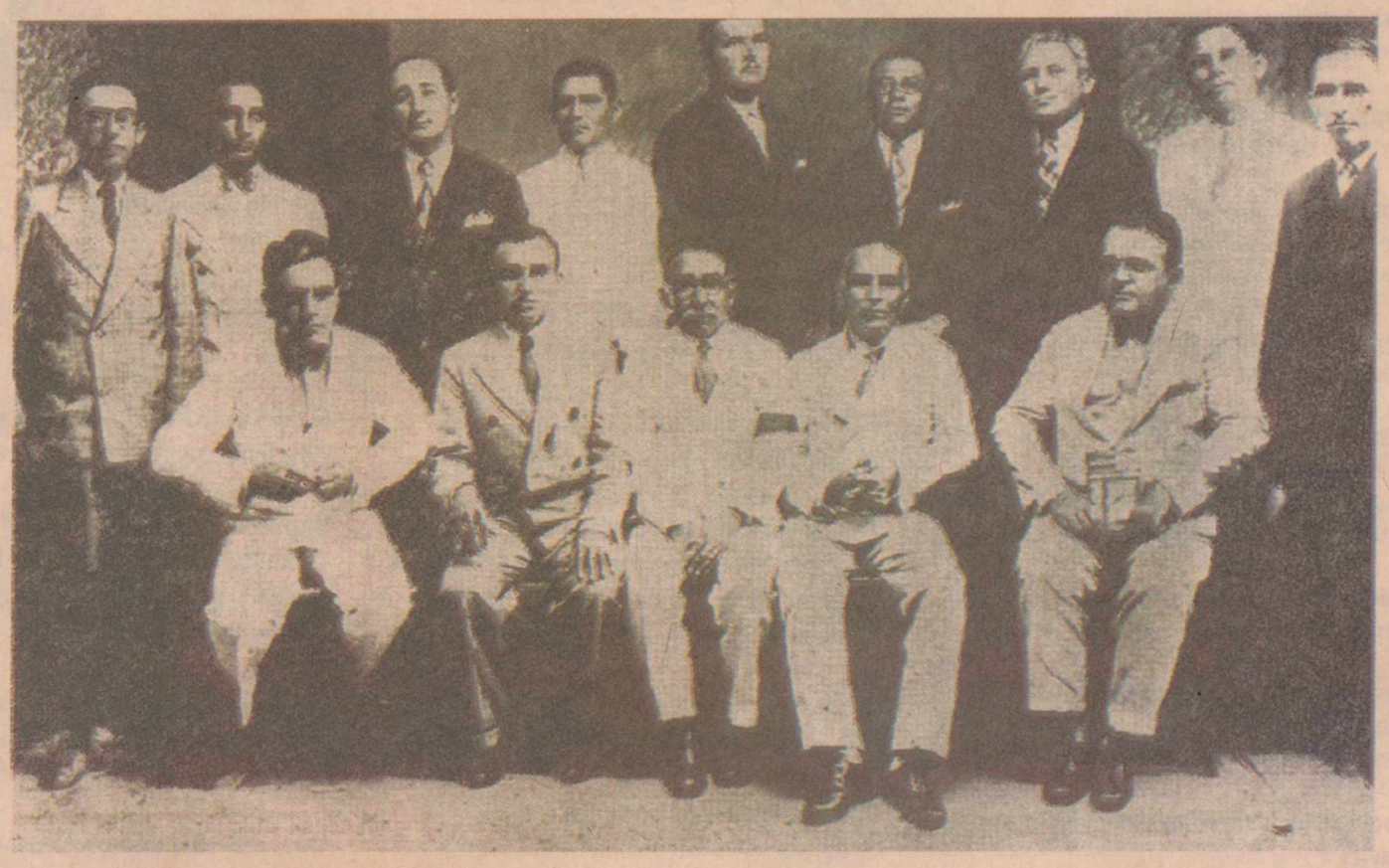
O LEVANTE DE 35

500 Anos de História do Brasil
Canal: *GNT*
Horário: *20h*

Fotos: Arquivo



O quartel da Polícia Militar em natal ficou crivado de balas após o levante comunista de 1935 (ao lado). Membros do Partido Popular detidos por ordem da interventoria como suspeitos de conspiração





OSAIR VASCONCELOS

A DEFINIDA OMISSÃO DA CIDADE VIVA

Entre a frase de Pierre Lavedan, "La ville est un être vivant" - a vida é um ser vivo -, e uma outra de Cascudo, " A Cidade do Natal é uma perspectiva indefinida", é que, a meu modesto e macaibense modo de ver, situa-se a nossa capital.

O diabo que atrapalha é que, enquanto a cidade vai vivendo, ou seja: vai crescendo, tomando novas formas e rumos, a perspectiva vai-se tornando cada vez mais indefinida.

O crescimento da cidade torna-se quase um atropelo, um empilhar de problemas irresolutos, uma eterna indefinição de soluções e uma firme e definida parcela de omissão. Nesse passo, um dia talvez nos possamos chamar de "cidade avestruz" e o nosso símbolo possa ser o desse plumídeo com sua cara enterrada no chão, fugindo da realidade.

Não se discute Natal. Já não sabemos nós, cidadãos comuns, de que tratam os vereadores além dos seus interesses políticos, suas preocupações com sinecuras de cabos eleitorais, e infindáveis reformas político-administrativas mal definidas e tantas vezes inócuas.

Já nem nomes de ruas preocupam-se os edis em dar - e imagine se eles andam pelas ruas para ver como elas andam.

A Prefeitura parece cada vez mais ser um ser eminementemente político, mas de política intestina, voltada para si e os seus indefinidamente inconclusos problemas de quatro paredes e mesas redondas, administrativos, partidários e, desculpem o péssimo neologismo, sinecurais. Sinecuras para tal parente de secretário, vereador, cabo eleitoral ou de quem quer seja desde que possa servir ao poder.

Ao Estado a cidade não pertence senão em ocasiões raras, de preferências às vésperas de eleições.

O poder estadual parece ficar fora da indefinida perspectiva do ser vivo às margens do Potengi.

O cidadão que se exploda, enfrentando filas em postos médicos, coleta de lixo deficiente, ruas esburacadas, sistema de transportes precário, abandono de áreas nobres, insegurança, aumento de impostos, abandono, abandono, abandono.

Natal vai crescendo na sua força de ser vivo e tornando-se cada vez mais indefinida na perspectiva da omissão.

E, ainda assim, vai completar 400 anos.

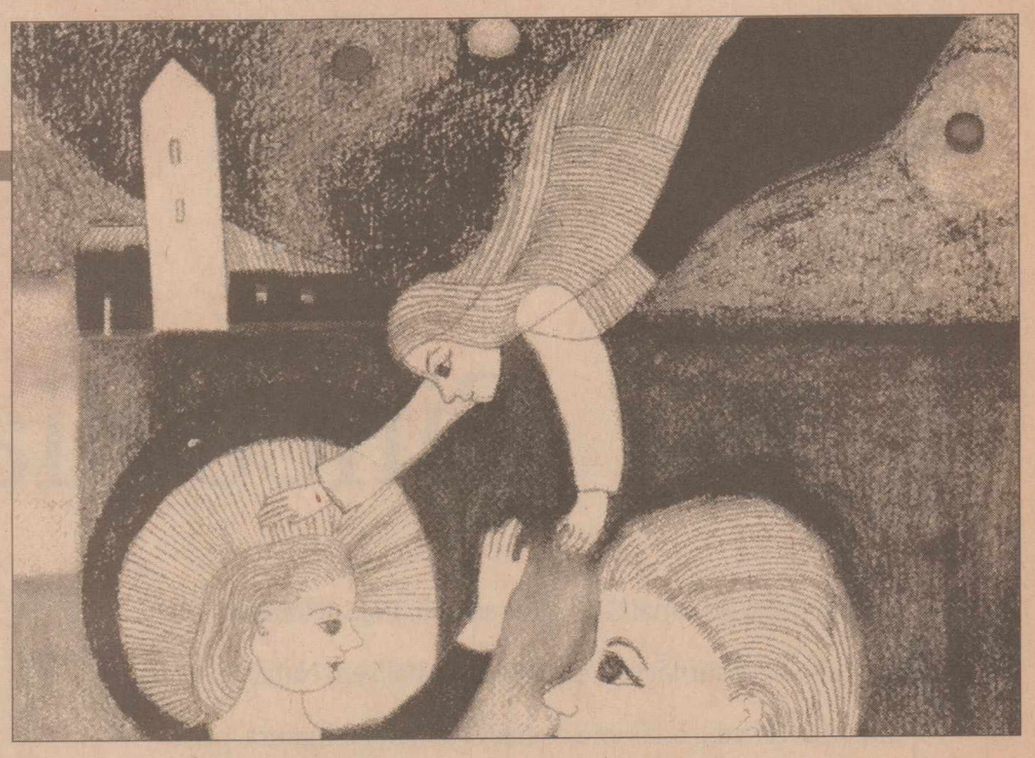
Mas quem se lembra disso?



MARIZE CASTRO

CÍLIOS SOBREVOANDO CÉUS

Mulher com Criança (detalhe)
Erasmo Andrade 1996



Sim, o feminino é filho do silêncio. Aquece e ilumina. Dá frutos a um mundo em pedaços. Busca o amor. Serve-lhe bosques subterrâneos. Enfrenta o último meteoro. Cobre-se de ervas. Espera o deserto e a sua vocação para a inocência perdida.
Sim, o feminino comete crimes que o sagrado abençoa. Emudece quando a moça triste diz que perdeu a fé, que não há mais sol, que a grande névoa é, agora, senhora e mãe.
Sim, o feminino é território de fábulas guardadas desde início.
O que ele quer quando deita sobre almas extraviadas e, em estado de calor profundo, não deixa que o toquem?
O que quer o feminino quando, com um vendaval pelo corpo, vira lança à meia-noite e sonha, um dia, ser ave e subir?
Sim, o feminino ronda escombros, navegações destroçadas, homens-armadilhas, senhoras-ágatas?
Quem lhe permitiu tamanha dor?
Se ele chora, retorna para o mar. Lá estão os seus pais, irmãos, amigos. Lá está o farol da sua cidade com a sua escada branca e as suas portas de um breve azul.
Sim, o feminino são longos cílios sobrevoando céus.



CARLOS DE SOUZA

PELA GONÇALVES LEDO E ADJACÊNCIAS

Depois de repetir o novo samba Injuriado de Chico Buarque, umas dez vezes, no bar de Pedrinho Abeche, o cara olhou ao redor e foi categórico: "É que eu gosto muito mesmo dessa música." No que o artista plástico Falves Silva e o intelectual Eduardo Gosson concordaram de imediato. "É realmente um belo samba."

Enquanto isso Chico manda ver: "Você nada está me devendo/ porisso meu bem não entendo/ por que anda agora falando de mim." E a noite mal estava começando. Pois o coração do poeta estava viajando em outras plagas, querendo olhar nos olhos opacos daquela mulher e dizer umas verdades.

Pessoas indo e vindo, velhos amigos, velhos amores e um novo olhar sempre à espreita. Viver não é tão difícil, o ruim mesmo é conviver com certas feridas. Conviver com a lembrança do olhar espantado daquela menina, com a risada nervosa daquela outra...ah! E tê-las perdido tão fácil.

Você pensa que ainda é possível mergulhar na alegria. Conversar com velhos amigos como João da Rua. Brindar pela liberdade de ser dono de si com o velho e bom Abimael Silva. Lançar um olhar perdido para o céu. Vislumbrar a lua no meio das nuvens de fevereiro. A Rua Gonçalves Ledo e adjacências vivem seus dias de glória.

E aí você conversa com um ou outro: Mestre Zizinho, João, Paparazzi, Fábio Eduardo, Assis Marinho, Marcelus Bob, Pezão, Sopa, Professor Bira, Biba, Ceiça, Lúcia de Fátima, Cristina Tinôco, Sandra, Silvinha, Socorro, Francinha...O que seria de nós sem as pessoas boas. Poder sair por aí tomando umas e outras, sem medo de ser feliz. E pedir sempre a Pedrinho para repetir o novo samba de Chico: "Dinheiro não lhe emprestei/Favores nunca lhe fiz/ Não alimentei o seu gênio ruim".

Nada como um bom samba para espantar a dor. E quando a tristeza ameaça voltar, a saída é ir para casa ouvir o maior número possível de rock. O disco ao vivo do Pearl Jam já é um bom começo. Depois é só pedir aos céus para que o sono venha logo, a dispersão, o esquecimento.

Enquanto isso os dias vão escoando e os velhos projetos vão sendo arquivados em nome da vida real. E como José do Egito, o cara grita da escuridão para o céu, sonhando com o brilho dos dias melhores que virão.

E quando o bar de Pedro Abeche deixa de ser abrigo, há sempre um outro modo de ir driblando a solidão. E como diria Frejat, "a felicidade é um estado imaginário". Luz, luz, luz. A casa não admite mais sombras depois que Isabel Cristina mandou de Recife aquela vela aromática e o ar se encheu de lembranças boas.

VIAGEM INSOLITA

Marina ELALI



Divulgação

Quem é QUEM

Você é o que queria ser quando de era adolescente?
Estou realizando meu sonho de cantar.

Qual a melhor mentira?
Mentir é sempre pior.

O que gostaria de ter feito e não fez?
Gostaria de ter lido muito mais.

Qual o seu sonho atual?
Me tornar uma cantora de sucesso e poder divulgar minha terra natal.

Conte um segredo de viajante?
Criar é preciso.

Qual o livro que você leu de um fôlego só e leria novamente?
Nunca é Tarde para Recomeçar uma Vida, do Padre Jucá, o missionário da comunicação.

Quem mais o influenciou?
Meu pai.

Pessoas arrogantes e prepotentes merecem o quê?
Amadurecer.

Você gosta de ouvir pessoas que não sabem ouvir?
Ninguém gosta.

De que você tem medo?
Da maldade.

O que lhe seduz no jogo da criação?
A música.

O que existe de melhor no seu lado escuro?
A paciência e a persistência.

O imaginário apavora?
Muito pelo contrário.

Como você convive com os seus sonhos?
Procurando torná-los realidade.

Qual a pior verdade?
A que fere um sentimento.

O que você acha do dinheiro?
Resolve muitos problemas, mas cria outros. O dinheiro que se ganha com o trabalho e o esforço próprio é o melhor de todos.

O que nunca deveria faltar?
Paz, saúde, comida, amor e felicidade.

Quando você conta até 10?
Quando falo com minha mãe e ela não responde porque está concentrada em algum livro ou processo.

O que anda sobrando por aí?
Inveja.

O que a boca diz quando a alma grita?
Me ajude.

Qual a palavra que nunca deve ser dita?
Desista.

Qual o mal deste final de século?
A violência, a miséria, a insensibilidade.

O que dói em Natal?
Ver tantas crianças nas ruas disputando um espaço para tomar conta dos carros nos estacionamentos.

Em que situação você atira no escuro?
Nos meus shows, enquanto aguardo a primeira manifestação do público.

Qual dos 10 mandamentos você quebra?
Nenhum, graças a Deus.

Marina Elali, tem 16 anos. Seu grande sonho: tornar-se uma cantora de sucesso. Apesar da pouca idade, já apresentou-se ao lado de grandes artistas da MPB como Fagner, Hermeto Paschoal, Zeca Baleiro, Quinteto Violado, Geraldo Azevedo e Renato Bráz. Filha do empresário Sami Elali e neta de Zé Dantas, um dos grandes parceiros de Luís Gonzaga. É ela quem responde hoje as insólitas questões desta coluna.